

Escrever como quem coleciona cacos: uma aposta metodológica

Raphaella Fagundes Daros¹ (PPGPSI/UFF, Brasil)²
raphadaros@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras
Vitória - ES - CEP 29075-910

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente em processo de pós-doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

² Psicólogo, professor do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF; coordenador do Kitembo – Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira. Publicou: A educação e a saúde da população negra, Rev. Ensino, saúde e ambiente, v. 10, n. 3, 2017; Saúde mental da população negra: uma perspectiva não institucional, Rev. da ABPN, V. 10, nº 24, 2018, pp. 241-259; Candomblé and resistance, em Schneider, K e Yasar, B. Situational Diagram, Nova Iorque: Dominique Levy, 2016; Culture africaine au Brésil: Rêve, résistance et singularisation, Chimères, nº 86, 2015. abrahaosantos@hotmail.com
Professor do Instituto de Psicologia da UFF, coordenador do Kitembo - Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira.

Escrever como quem coleciona cacos: uma aposta metodológica

Resumo: Buscando afirmar uma certa política da escrita, o presente texto se debruça sobre a produção de memórias e suas narrativas como aposta metodológica de uma pesquisa de doutoramento em Psicologia. Proposta da tessitura de uma pesquisa-escrita-criação, o referido trabalho - realizado através da inserção em um coletivo de pesquisa, dispositivo de formação sustentado pelos pressupostos da pesquisa-intervenção - propõe a problematização dos modos, das condições e dos objetivos da produção de conhecimento na contemporaneidade, visando a ampliação de seus coeficientes de transversalização.

Palavras-Chave: política da escrita, memória, narrativas.

Writing as who collects shards: a methodological bet

Abstract: Seeking to affirm a certain policy of writing, this text focuses on the production of memories and their narratives as a methodological bet of a doctoral research in Psychology. Proposal of weaving a research-writing-creation, this work - carried out through the insertion in a collective of researches, a device of formation supported by the presuppositions of the intervention-research - proposes the problematization of the modes, conditions and objectives of the production of knowledge in the contemporaneity, aiming at the amplification of its coefficients of transversalization.

Keywords: writing policy, memory, narratives.

Ali onde não é mais possível falar, descobre-se o encanto secreto, difícil, um pouco perigoso de escrever.

Michel Foucault (1968)

Introdução

Essa escrita tem como intenção narrar como a emergência de um problema de pesquisa³ surge na ordem sensível da experiência, no encontro de diferentes dimensões de um corpo. No caso da autora, o corpo-trabalhadora-social e o corpo-pesquisadora. Dizemos aqui da experiência corpo-trabalhadora-social da atuação junto à população beneficiária de um programa de urbanização de favelas⁴ que, posteriormente, constituiu o campo de construção de uma pesquisa-escrita-criação. Trata-se portanto, de dar visibilidade a trajetória de formação de um corpo-pesquisadora, cuja aposta em um modo singular de pesquisar e escrever afirma a especificidade de uma política de escrita como modo de produção e compartilhamento.

História de como esses corpos se encontraram, se constituíram e se reinventaram no encontro com um coletivo de pesquisa, o grupo de pesquisa orientado pela professora Katia Aguiar (Pós-Graduação em Psicologia – UFF), que tem na pesquisa-intervenção sua principal premissa metodológica, e afirma que o “[...] pesquisar é, antes de mais nada, uma atitude que interroga os homens e os fatos em seus processos de constituição, trazendo para o campo de análise as histórias, o caráter transitório e parcial, os recortes que a investigação imprime nas práticas e a forma como produz seus próprios objetos-efeitos” (AGUIAR e ROCHA, 2007).

3 A pesquisa a que nos referimos nesse texto foi elaborada no processo de doutoramento da autora, que resultou na elaboração da tese “Implicâncias e implicações de uma trabalhadora social: a participação social do PAC Favelas-RJ em análise”, realizada sob a orientação da professora Dr^a Katia Aguiar no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), e defendida em outubro de 2016. O presente texto apresenta os recortes metodológicos utilizados no referido trabalho.

4 Entre os anos de 2008 e 2012, a autora integrou a Equipe Técnica do Trabalho Social do PAC-Favelas RJ, atuando a princípio como consultora nas áreas de Saúde e Educação, sendo posteriormente nomeada como consultora de metodologias e conteúdos. Para maiores informações acerca do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), ver: <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>

Tomamos esse grupo como “máquina de fazer ver e fazer falar” (DELEUZE, 1990) –, dispositivo de formação que afirmamos como fundamental para a tecitura das problematizações exigidas a um processo de produção de conhecimento. Nos interessa apontar como os encontros, capazes de produzir incômodos e implicâncias, são fundamentais para mobilizar o pensamento. Pretendemos afirmar um certo modo de produzir conhecimento que se coloca necessariamente inseparável da intervenção no real, produzindo efeitos-subjetividades, transformando sujeitos e mundos. Processo de como nos tornamos outros.

História de como um corpo-pesquisadora, constituído em meio às trajetórias feitas entre leituras, pesquisas e práticas acadêmicas referenciadas pela Análise Institucional, pela Saúde Coletiva, e, inspiradas pelo pensamento de Michel Foucault, se expande no encontro com um coletivo de pesquisa. Afinal, como nos lembra Foucault (2006, p.154) em suas revisitações à Sêneca, “sempre se precisa da ajuda de outro na elaboração da alma sobre si mesma”, daí a urgente necessidade de “[...]recolher-se em si mesmo tanto quanto possível; ligar-se àqueles que são capazes de ter sobre si um efeito benéfico; abrir a porta àqueles que têm esperança de se tornarem melhores”.

Sobre um coletivo de pesquisa: dispositivo de formação

Dizemos do corpo-acontecimento, enquanto aquilo que não se planeja, mas toma forma nas relações, no encontro com os outros corpos. Corpo definido não por uma essência, mas como potência sempre variável, que se define “pelas misturas de que participa” (SALES, 2014, p.17). Corpo como lugar de expressão de forças sociais, políticas, econômicas, midiáticas, emocionais, enfim vitais, e que se afirma necessariamente como lugar da utopia, da contradição e da reinvenção.

[...] É em referência ao corpo que as coisas estão dispostas, é em relação ao corpo que existe uma esquerda e uma direita, um atrás e um na frente, um próximo e um distante. O corpo está no centro do mundo, ali onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo não está em nenhuma parte: o coração do mundo é esse pequeno núcleo utópico a partir do qual sonho, falo, me expresso, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. (FOUCAULT, 2013, p.10)

O encontro com esse coletivo de pesquisa se fez justamente na acolhida dos desencontros da experiência de constituição de um corpo-trabalhadora-social, afirmando-se através da possibilidade de estabelecer

novas conexões e produzir novas composições. Em meio ao debate dos projetos de pesquisa que tinha lugar no espaço-tempo desse grupo, encontrávamos a singularidade de um plano comum de problemas e invenção por via dos diferentes campos problemáticos narrados. Chão de nossas práticas. “Lugar de encadeamento do que se diz e do que se faz, das regras que se impõem e das razões que se dão, dos projetos e das evidências” (FOUCAULT, 2010, p.238).

Nesse processo, convocávamos os autores – os velhos e renomados aliados e os pares contemporâneos –, os fragmentos de textos, os vídeos, as músicas, os poemas, e as narrativas das muitas cenas de experiências cotidianas. Todos intercessores⁵ igualmente imprescindíveis para a criação, que, porém, não se prestavam à homogeneização de códigos e linguagens, afinal “o importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento” (DELEUZE, 1992, p.156). Assim, ao inserir-se numa rede em produção, em meio ao acolhimento das diferenças, nos questionávamos: como temos nos constituído como sujeitos nos processos formativos em que participamos? Como temos gerido e gestado as atividades da pesquisa? E ainda, como a escrita se faz participação nesse processo?

Havia então um comum que se queria organizado e gerido, mas não na dureza das cristalizadas formas institucionais colocadas em andamento na universidade. Nos colocávamos lado a lado, atentos às eventuais capturas hierárquicas ou demandas de tutela. Exercício coletivo de afastamento de qualquer forma de centralismo, afirmando o princípio de rede como conectividade (BARROS, *et. al.*, 2014). Os agenciamentos se davam antes por afinidade de interesses e referenciais teórico-metodológicos, produzindo ressonâncias, contágio, e movimentos de transversalização (GUATTARI, 1987), oportunizados pelos espaços e atividades que alimentavam o diálogo e a partilha.

Nessa trajetória, a função desse coletivo se fez preponderantemente pela possibilidade de experimentação de formas outras de pesquisa e escrita, sempre ligadas à tentativa de ampliação dos coeficientes de transversalização na produção do conhecimento. Os dispositivos então inventados serviam como espaço para as interações e para os movimentos de diferenciação que se processava no grupo. Grupo que se constituía enquanto rede. Rede de conversações (MATURANA, 2006), que se aquecia na troca de experiências, nos permitindo lidar com a dureza das instituições. Rede que se fazia não

5 Os intercessores. In.: DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

apenas como “meio”, mas também como “fim”, colocando-se como um território comum e potente na produção de uma pesquisa-escrita-criação.

A pesquisa-escrita-criação, em que escrita e ação se confundem como uma única e mesma coisa, se traduz pelo tom ensaístico, pela tentativa de realizar um trabalho que se faz sobre os acontecimentos e ao mesmo tempo sobre si. Práticas de si sempre convocadas pela exortação de um outro, feita em meio à partilha das leituras, das conversas, dos rascunhos de pensamentos, que tateantes abrem os caminhos para a construção de outras trajetórias, a serem compartilhadas na busca de um modo de propagação, de desdobra, de aprendizagem. Práticas de afecção e contágio.

Atentos para o fato de que os grupos não possuem em si uma virtude analítica, seguíamos investindo na elaboração de práticas direcionadas para a produção dos efeitos de sustentação e criação desejados. Era preciso investir na convocação e na fabricação de intercessores, afinal “sem eles não há obra” (DELEUZE, 1992). Era preciso, ainda, respeitar o tempo de gestação. Deixar a rede aquecida exige tempo de investimento, “desdobrado em espaços de partilha” (BARROS, et. al., 2014, p.107). *Práxis* que diz respeito a todo um trabalho em relação a si mesmo, passando pela arte de compor com o outro. Práticas de cuidado de si (FOUCAULT, 2006)

A construção de novas estratégias para pesquisar passava então pelo encontro e inventividade de cada um de nós envolvidos nesse grupo-rede. Rede de produção do conhecimento que nos sustentava e nos produzia, tendo nossas práticas como chão. Sujeitos considerados em suas múltiplas e complexas composições, nos conectávamos ao mesmo tempo a outros sujeitos, que pisavam outros chãos; outras vidas, que habitavam outros lugares. Outros textos, outras paisagens, outras forças. “Dai-me um outro <clama a vida>” (COSTA, 2011, p. 57). Vivíamos diferentes situações com diferentes intensidades, tendo como intercessores diversos autores e disciplinas, além das muitas artes possíveis, mas inseridos numa rede comum de produção de mundos, de subjetividades e de si. “Todos e tudo em rede para afirmar o padrão da vida”. (BARROS, et. al., 2014, p.102).

O coletivo de pesquisa na produção de re(de)alidades

Neste sentido afirmamos que um coletivo de pesquisa funciona como dispositivo de formação, na medida em que ao colocar palavras e afetos em circulação, se produz na relação com o conhecimento enquanto processo interventivo, aberto, cujo material de trabalho é a obra que estamos fazendo de nós mesmos, na produção de uma memória que se faz coletiva, na fabricação de um *êthos*. (CEZAR, 2013). Trata-se, portanto, de reconhecer

que os processos formativos dizem menos da troca de conhecimentos produzidos em meio ao mundo, do que do desafio de construir outras condições para o exercício coletivo sobre o pensar-agir. Exercícios potentes na produção de outra relação com o conhecimento, que abram espaços para experimentação de diferentes modos de ser, existir, por sua vez, inseparáveis dos modos de fazer.

Trata-se de processos formativos que investem no cultivo de uma competência mais ética do que técnica, em que os sujeitos, para além de aprender hábeis procedimentos na operação do real, possam tomar posse dos processos de constituição de si, e neles produzir intervenção, de modo a modificar-se. Trata-se de um esforço ético de produção de si e do mundo em outras direções. (CEZAR, 2013). A formação está no encontro com as redes e produz re(de)alidades.

Encontros que, portanto, se fazem para aquém e para além das relações tecidas com os pesquisadores que compõem esse coletivo, e apontam para o plano de forças em movimento, ampliando os graus de abertura à experiência, partindo do reconhecimento da dimensão reticular, transversal e transdisciplinar da vida (MATURANA e VARELA, 2001), singularizada na expressão de cada pesquisa-escrita-criação produzida nesse espaço-tempo.

Por essa via, o grupo que constituiu esse coletivo de pesquisa se apresentava como rede, traduzida pelo conjunto de nós e conexões, sempre relacionados à uma multiplicidade. Encontros que possibilitaram a abertura dos graus de conectividade e atuaram diretamente na produção de re(de)alidades, uma vez que a produção do que chamamos de realidade se constitui de redes, nas redes, pelas redes, para as redes. Redes de relações sociais, atravessadas por forças vitais, econômicas, políticas, erótico-libidinais. Redes capitalísticas, “[...] redes infinitas, hiperconectivas e paradoxais porque comportam esperança e perigo”. (PASSOS e BARROS, 2004, p. 159).

Inseridos no contexto das sociedades de controle (DELEUZE, 1992), somos a todo tempo atravessados pelas tentativas de dominação e captura caracterizada por infinitas redes. Nos deparamos cotidianamente com a produção de re(de)alidades que, se por um lado tendem a seguir a busca da padronização e a serialização dos modos de existir operadas pela lógica do Capitalismo Mundial Integrado (GUATTARI, 1987); por outro, coexistem impreterivelmente com as redes de resistência e de invenção da vida. Desse modo, assim como Passos (ano indefinido, p.8-9, *grifo nosso*), “acreditamos que não há como escaparmos das redes e por isso a estratégia é a de constituirmos outras redes: *redes quentes*, redes não comprometidas com a

exploração capitalista nem com o terror, mas sintonizadas com a vida, redes autopoieticas”.

Redes autopoieticas no sentido cunhado por Maturana e Varela (2001), que ao afirmarem a rede como padrão geral da vida, reconhecem a característica autopoietica de todo ser vivo. Uma vez que auto significa própria e poieses (produção), a *autopoieses* é a capacidade do sistema/grupo de especificar suas próprias leis – capacidade prática, performática e inventiva da vida. Conceito que, portanto, diz da autonomia dos grupos, que são causa e efeito da produção de re(de)alidades, e que, encontram nos processos coletivos os modos como a vida se atualiza na experiência humana. Neste contexto, partimos do pressuposto que:

Toda rede participa (é parte), de algum modo, de um arranjo biopolítico, de um agenciamento. E agenciamento é, por assim dizer, o nome político da rede, o modo de se referir à rede quando se quer destacar sua implicação biopolítica. Alguns agenciamentos possibilitam, abrem, outros fecham. Há agenciamentos aumentativos de potência e outros nem um pouco. É assim que, afinal, entendemos fundamentalmente a distinção entre **redes quentes** e **redes frias**: são *agenciamentos biopolíticos* diferentes e, evidentemente, antagônicos. (TEIXEIRA, ano indefinido, p.06)

Em meio a esse antagonismo, que também atravessava nosso coletivo de pesquisa, uma vez que esse não se tece fora da vida, importa dizer que: quer se trate de uma rede fria, que supõe o equívoco de um funcionamento onde “insiste a função de centro”, reafirmando a segmentação, exploração e segregação, e produzindo efeitos de homogeneização e de equivalência; quer se trate de uma rede quente, produzida em meio a uma ética conectiva geradora de efeitos de diferenciação e resistência à serialização capitalística (PASSOS e BARROS, 2004); destaca-se a questão da multiplicidade de elementos e conexões, e a necessidade de se estar sempre atento a essas duas dimensões do funcionamento de toda e qualquer rede.

O coletivo de pesquisa, dispositivo de formação, se configura então em um modo de funcionamento da experiência em rede, onde o que importa é a atenção cuidadosa dispensada aos modos de fazer, que incluem não só a gestão coletiva das atividades envolvidas na pesquisa, mas, sobretudo, a construção de vínculos afetivos e de tecnologias relacionais. Grupo sujeito (GUATTARI, 1987) da construção de um espaço privilegiado para a realização constante das análises de implicações (LOURAU, 1993) de cada um de nós nos processos em andamento. Exigência ético- política que nos parece indispensável para a produção de conhecimentos que sejam a

expressão de uma vida produzida em meio à ampliação do poder de cada um de nós de afetar e ser afetado, afirmando autonomia ao mesmo tempo em que intervém na re(de)alidade, produzindo-a. Exercício de “uma prática de presença”, a vida que nesses encontros se processa segue sendo a matéria de trabalho das pesquisas em andamento. (CEZAR, 2013).

Fazer circular palavras e afetos. Eis a ação fundamental para operar o deslocamento da dimensão de uma escrita solitária para a produção coletiva de uma pesquisa-escrita-criação possível. Abrigar a processualidade em novos agenciamentos a que o viver solicita de modo constante. Experimentar outros modos de estar junto e fazer uma pesquisa-escrita-criação. Não se pautar apenas em um saber já construído, mas produzir no encontro outros saberes, abrindo a possibilidade de pensar diferente do que se pensava até então. Potencialização da capacidade do próprio coletivo em dar visibilidade para si como produto-efeito de uma transformação. (CEZAR, 2013). Eis um outro modo de produzir pesquisa e escrita que se constrói na tecitura e aquecimento da rede de relações.

Potência de re-existência e possibilidades de interferência na dureza das formas instituídas acerca da produção do conhecimento. Durezas que se diluem por meio da agregação de elementos diversos, que apesar de nem sempre valorizados pela tradicional academia, encorajavam a ousar no deslocamento do território familiar e autorizado da escrita linear e necessariamente referenciada, em direção à experimentação de uma pesquisa-escrita-criação, calcada nas simultaneidades dos acontecimentos.

Por via da problematização de nossas práticas, seguíamos repetidamente questionando o modo como, ao longo da história do pensamento ocidental, certa forma de relação com o conhecer, com a questão da verdade, tornou-se impositivo, desqualificando outros (FOUCAULT, 2006b). Não queríamos repetir o já dito em outras palavras. Não queríamos a “benção” acadêmica. Em sentido inverso, partindo da premissa de que é preciso “transformar para conhecer”, a aposta desse coletivo se ampara pela aposta em uma formação que diz da possibilidade da transformação de si, e não da transformação do outro em objeto de pesquisa. Não queremos falar sobre, queremos fazer com. Queremos a liberdade dos verbos, das linhas, dos formatos. Queremos a anarquia da escrita, e a poesia da invenção.

O uso da narrativa e da produção de memórias como política de escrita

No exercício de uma pesquisa-escrita-criação nos furtamos à necessidade de buscar o conhecimento do “significado de uma palavra, de uma frase, de um

relato, de uma narração; nem se trata de saber o que conota ou o que denota. O problema é antes com o 'quê' se conecta, em 'quê' multiplicidade se implica, com 'quê' outras multiplicidades se junta". (DOMÊNEC, TIRADO, e GOMES, 2001, p.125), uma vez que a riqueza dos encontros excede o esforço dos relatos.

Em meio a essa direção ético-política, a opção da tecitura de narrativas como instrumento metodológico afirma uma política da escrita que não busca "dar a voz" aos corpos, mas ao contrário disto, dar visibilidade e dizibilidade às vozes que esses corpos, nesses (re)encontros produziram no corpo-pesquisadora, aberto ao que poderia vir a acontecer em sua vulnerabilidade no encontro com os outros. Aposta que parte do pressuposto que "escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir" (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p.13). Seguindo esse caminho, propomos e experimentamos o uso da narrativa como "a faculdade de intercambiar experiências" (BENJAMIN, 1994, p.198) e, assim, torná-las comunicáveis, fazendo uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada, pois

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (Benjamin, 1994, p.203)

Exercícios de produção de narrativas que aqui se aliam a atividade de rememoração na busca por produzir vias de acesso aos acontecimentos de uma experiência, que "mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele". (BENJAMIN, 1994, p.205). Re-memorar, no sentido sugerido por (GAGNEBIN, 2006, p.55), em que a produção da memória, ao invés de "retornar àquilo que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido, e ao recalcado, para dizer com hesitações, com solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança, nem às palavras". Por essa via, seguimos as pistas deixadas por Benjamin (1994, p.201), para quem "o narrador retira da experiência o que conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes".

Nesse caminho, mais do que dar credibilidade às nossas composições, interessa o deslocamento da busca por entendimento, calcada na ordem do conjunto de teorias pré-estabelecidas e já ditas, para uma experimentação que produz contágio, que comunica, que se coloca acessível para outras entradas.

Por isso, a pergunta que se tece é: como fazer a escrita participar se não deixando as afecções bagunçarem as memórias, as narrativas e os pensamentos? Afinal, como nos questiona Foucault, (1984, p.13), “[...] de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? ”

Seguindo esse modo de operação, visávamos alargar um campo problemático e transformar um objeto de pesquisa a cada novo encontro, a cada cena rememorada, a cada narrativa tecida. A princípio, diante da ideia ainda embrionária de elaboração de um diário rememorado, preocupava-me os brancos, os lapsos, os esquecimentos: o tempo passa tão veloz, e se eu não lembrar mais das cenas, dos detalhes? Como se fosse possível esquecer as marcas das experiências que corporificamos. Afinal, nunca sabemos “a qual tempo pertence o acontecimento que [a narrativa] evoca, se aquilo acontece somente no tempo da narrativa, ou se acontece para que chegue o momento da narrativa, a partir da qual o que aconteceu se torna realidade e verdade ” (BLANCHOT, 2005, p.15).

Depois, no exercício da escrita, me preocupava com o discernimento da linha tênue que se tecia entre os relatos confundindo fato e ficção, das coisas inventadas para preencher os brancos com poesia: mas será que foi exatamente assim que aconteceu? Ou trata-se de uma invenção romantizada? Afinal, como lutar contra o esquecimento, e contra as supostas mentiras, “sem cair em uma definição dogmática da verdade” (GAGNEBIM, 2006, p.44)? E, além de tudo, havia o atravessamento das cenas, que uma a outra se atropelavam, puxadas pelo fio de uma meada que não necessariamente se fazia pela ordem de uma cronologia: como alinhar escritos tão fragmentários, distantes, mas ainda assim tão simultâneos, em uma ordem minimamente acessível?

Por via da produção de memória, a narrativa de uma experiência singular era solicitada. Narrativas que me convocavam à expressão. Lembrome de, após as leituras de meus textos iniciais – titubeantes, gogos, e um tanto ásperos – ouvir a coordenadora desse coletivo de pesquisa sempre indagar: “Por que você não coloca aqui o que você nos conta em nossos encontros? “Já experimentou gravar e ouvir o que você fala? Sinto falta de você no seu texto”. Ela dizia da narrativa, daquela que também nos reinventa ao longo de um trabalho de pesquisa-escrita que se faz criação. Fazia sentir, fazia sentido. A cada cena repetida eu me ou(via) de um outro lugar. A cada intervenção feita pela rede do coletivo, os aliados intercessores produziam um pequeno deslocamento no pensamento, um estremecer de certezas, visibilizados ora pelos suspiros, outras pelos silêncios, e muitas vezes, pelas lágrimas. Eis os

efeitos de um exercício de rememoração. Como nos alerta Fuganti (2009, p. 677)

[...] se desejamos uma continuidade desse efeito ou daquele – como conservar tal caminho, conservar políticas públicas que fazem a vida crescer, que afirmam a vida –, aí o problema é de produção de memória, e não de memória que representa o passado, mas de memória de futuro, memória que torna o futuro, assim como o passado, contemporâneo do presente. É fundamental saber criar memória como condição de produção de continuidades intensivas, memória como memória de futuro. É ela a condição de continuidade dos movimentos ou dos devires ativos autossustentáveis.

Contudo, se por um lado, convocada pelo outro, perdia a comodidade das versões confortáveis e o “frescor” dos acontecimentos, por outro, ganhava a abertura criada pela ausência de hipóteses previamente formuladas a serem confirmadas, e a liberdade de construir um olhar deslocado no tempo e no espaço, amadurecido por uma experiência em cozimento. Afinal, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja em um momento de perigo” (BENJAMIN, 2012, p.243).

A escolha metodológica em produzir a narrativa de uma experiência singular se colocava então não por considera-la única e especial, mas em reconhece-la como a versão possível através da rememoração dos encontros vividos em uma trajetória de pesquisa. Escrita biográfica porque uma “escrita de vida”, onde “narra-se o que não se pode relatar” (BLANCHOT, 2005, p.272). A narrativa, assim tecida, não seguia ordem cronológica dos dias como em um diário íntimo e pessoal, mas era conduzida pelos acontecimentos de uma vida, evocados pela memória. Memória que produz os próprios fatos, os quais passam a ter existência justamente a partir dessa narrativa que lhes inventa versões. Por essa via reconhecia em Blanchot um aliado, para quem

[...] o caráter da narrativa não é percebido quando nele se vê o relato verdadeiro de um acontecimento excepcional, que ocorreu e que alguém tenta contar. A narrativa não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento, o acesso a esse acontecimento, o lugar aonde ele é chamado para acontecer, acontecimento ainda porvir e cujo poder de atração permite que a narrativa possa esperar, também ela, realizar-se. (BLANCHOT, 2005, p.08)

É preciso esclarecer, portanto, que “não é por acontecimentos extraordinários que a narrativa se distingue do diário. O extraordinário também faz parte do ordinário. É porque ela trata daquilo que não pode ser verificado, daquilo que não pode ser objeto de constatação ou de um relato” (BLANCHOT, 2005, p.271). Por isso, convocada pela necessidade de produzir outros sentidos para o campo problemático em análise seguia me apoiando, ao mesmo tempo, nos pressupostos da Análise Institucional afirmados por Lourau (1993), que ao apontar a relevância da restituição escrita chama atenção para o cuidado em não produzir um “texto denúncia”, mas fazer falar o fora do texto, “das coisas deixadas à sombra” dos discursos institucionais eternizados nos relatórios técnicos de pesquisa.

[...] a revelação, ou não, dos múltiplos atos da pesquisa é uma ação política. Tentar fazer dos acontecimentos cotidianos um caminho para o conhecimento [e transformação de si] pode ser uma forma de se distanciar dos diferentes grilhões institucionais que têm, por referência última, o Estado. [...] **a instituição segura nossas mãos quando escrevemos.** Talvez o diário [e outros dispositivos inventados ou a inventar] possa auxiliar a produzir outro tipo de intelectual: [...] o IMPLICADO (cujo projeto político inclui transformar a si e a seu lugar social, a partir de estratégias de coletivização das experiências e análises). Talvez, se pudermos tornar tais estratégias cada vez mais populares, possamos sentir um pouco os resultados dessa utopia. É uma aposta e, como tal, apresenta seus riscos. No caso do intelectual "implicado", riscos bem maiores do que os do intelectual "analista" creio. (LOURAU, 1993, p.84-85, **acréscimos e grifos nossos**)

A narrativa tecida por meio de um diário rememorado busca ir para além do discurso normativo, dando visibilidade aos acontecimentos, ao “como foi feito”, da prática. (LOURAU, 1993). A narrativa das cenas que emergem na tecitura das memórias de uma experiência colocada em análise, pretende integrar ao trabalho analítico os “aspectos marginais” da pesquisa, que funcionam então como

[...] disparadores para uma efetiva análise das implicações do pesquisador. Por esse motivo, considero necessário serem publicadas essas coisas ditas "à margem" da pesquisa; que não fiquem guardadas na “caixa preta” do pesquisador e de algumas outras pessoas. Essa "desinstitucionalização" da "marginalidade" da pesquisa muito pode contribuir para uma real análise das implicações do pesquisador e do ato de pesquisar. (LOURAU, 1993, p.66)

Não me refiro, portanto, à elaboração de um diário constituído pela narrativa de um si mesmo, mas ao inverso disto, trata-se de tomar a escrita em sua função *etopoiética*, “como operadora da transformação da verdade em ethos” (FOUCAULT, 2006, p.147), e nesse movimento, não seguir dizendo de si, buscando o indizível ou o não-dito, ou mesmo revelando o oculto, mas apreender “o já dito; reunir o que se pôde ouvir e ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (FOUCAULT, 2006, p.149). Trata-se, portanto, não de narrar-se, mas de criar-se e, ao assim fazê-lo, criar outros possíveis, e produzir contágio.

Escrever como quem coleciona cacos, de memórias

No encontro com os intercessores até aqui citados encontramos espaços de abertura e a cumplicidade que nos encorajavam a ousadia de uma escrita fragmentada. Narrativas de cacos (BENJAMIM, 1987), que em sua incompletude apresenta as reticências como convites para a produção de outros começos, possibilitando a abertura à construção de outras nuances, uma vez que “mostrar nossa escrita ao mundo já é, de alguma forma, abri-la ao acaso” (FRANCO, 2013, p.48). Não se trata, portanto, na atividade do pesquisar, nem de contar uma história, nem de reproduzir uma experiência de trabalhadora social, mas narrar os seus restos, seus vestígios, e, ao assim fazê-lo, compor cenas-dispositivos, feitas de cacos que aproximem a história da experiência.

O corpo-pesquisadora se transformava assim em um corpo-narradora-sucateira, que não tinha por objetivo recolher os grandes feitos, “mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que não tem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer” (GAGNEBIN, 2006, p. 54). Seleção de vestígios, cacos de experiência, que se dá por afecção do pensamento. Trabalho de elaboração de uma memória que tem a recusa como mote. Afinal, por que em meio a tantas lembranças, a escrita de algumas cenas e não de outras? No trabalho de rememoração, as lembranças foram produzidas por intermédio da intuição sensível no (re)encontro com o passado. Presença indispensável no acolhimento da fragilidade da memória, que mesmo em meio a tensão vivida entre as presenças e as ausências, me ensinava a aceitar o esquecimento como dádiva, e não como fardo.

Dialogando com Benjamin e Bergson, auxiliada pela generosidade esclarecedora de outros intercessores, como Gagnebin (2006), Ferraz (2010) e Souza (2014), não buscava na memória a representação exata dos acontecimentos, para relatá-los em busca da comprovação da verdade

científica, de especulação e do conhecimento puro. Tratava-se, antes disso, de reconhecer a potência de uma memória “enraizada no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto, na linguagem” (SOUZA,2014, p.187) e que por isso tem a função de interpelar as verdades estabelecidas, questionando o conservadorismo das versões oficiais ao mesmo tempo em que nos convida à renovação dos sentidos de uma experiência. Dimensão social e política da memória.

Nesse sentido, seguimos na esteira de Benjamin, para quem o conceito de memória diz menos do campo da re-presentação, e mais da apresentação enquanto realidade construída a partir do presente, onde a experiência se dá pela produção de uma montagem, que se utiliza de fragmentos de um passado que só passa a existir e ter sentido na sua configuração presente de cacos. “[...] Se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho”. (BENJAMIN, 1987, p.239)

Trata-se de reconhecer a memória como um fenômeno sempre atual, um elo com o passado que se dá no presente. Por isso, recorro a uma memória integralmente presente, em sua virtualidade, e que se atualiza em função de uma ação vitalmente interessada, por onde “o cérebro serve aqui para escolher o passado, para diminuí-lo, para simplificá-lo, para utilizá-lo, e não para conservá-lo” (BERGSON, 2001, p.1389 *apud* FERRAZ, 2010, p. 73), promovendo necessariamente um movimento em direção ao que está por vir.

A memória assim evocada não fala, portanto, de um passado perdido e remediado, que se encerra em um tempo datado, mas de um passado que atualiza o presente, sendo o tempo um movimento em espiral, em que presente, passado e futuro se cruzam. E nesse exercício, o olhar do corpo-pesquisadora se entrecruza com o olhar do corpo-trabalhadora-social, ressignificando e compartilhando uma experiência. A aposta é na afirmação de que “mostrar uma experiência é mostrar uma inquietude” (LAROSSA, 2011, p.15).

Deixar-se perder e levar-se pelos labirintos da memória se colocou então como exercício inevitável à criação de uma determinada sensibilidade, direcionada à produção de lembranças potentes. O esquecimento apresentava assim uma participação ativa, na medida em que as lembranças não eram “selecionadas” pelo corpo-pesquisadora, mas ao contrário, eram elas que escolhiam e utilizavam esse corpo como campo de expressão. Portanto, a emergência de uma escrita introduzida na forma de fragmentos apresenta o esforço de apresentar a um leitor os movimentos do pensamento, que ensaiam, através da rememoração do passado, a produção de sentidos outros

para acontecimentos que carregavam distintas conotações e intensidades nos momentos em que foram vividos, uma vez que

[...] recordar algo vivido não basta, pois, o acontecimento, enquanto permanece encerrado na esfera do vivido, é finito, limitado. Só quando o vivido elucida, de algum modo, o que ocorreu antes e o que acontecerá depois, é que ele pode se tornar ilimitado, pois é nesta dimensão que o agir humano se faz presente nos destinos da história coletiva. (SOUZA, 2014, p. 191)

A narrativa tecida como atividade do pesquisar coloca-se como memória de acontecimentos dispersos, e, tendo a vida como matéria, recusa a escrita explicativa para afirmar a potência de uma escrita descritiva, que através de uma relação artesanal e ensaística, segue evitando interpretações e possibilitando aproximações. Narrativas que se querem fazer por via das ressonâncias, dos contágios, tateando entre os descaminhos e os desacertos a invenção de outros possíveis, colhendo o extraordinário do cotidiano e extraindo dos encontros as conversas. (FRANCO, 2013).

Busca de contágio de uma escrita que se coloque “não tanto enquanto veículo de uma paisagem definida, mas, na inversa, como um modo singular de a construir e a ir fazendo acontecer aos olhos dos leitores que seguramente queira tomar de surpresa” (Ó, 2013, p.03). Trata-se, portanto, da produção de uma escrita-pesquisa-criação, que não pretende re-apresentar cenas, fatos, pessoas ou atividades, mas criar caminhos que busquem outras bases, outras alianças, outros encontros: com pessoas, conceitos, lugares, situações. Inventar variedades e variações. Outros possíveis.

Por isso, segundo as pistas de Franco (2013), afirmamos, sem cerimônias ou receio, uma escrita “constituída por muitos e assinada por um”. Risco assumido de bagunçar os referenciais e seguir o fluir de uma escrita por vezes conduzidas pelo eu que marca o singular, e em outras pelos nós, que evidencia a óbvia pluralidade. Confusão que se tece em meio ao não discernimento entre aquilo que me parece original nos pensamentos elaborados, ou que é afirmado através das palavras de um outro, dos trechos que lhes tomo de assalto, e que, remixados, também constituem a matéria prima da atividade da pesquisa-escrita-criação. Neste sentido, o que mais importa não é nomear autores e demarcar territórios, e sim dar visibilidade a uma mistura que se faz no e pelos encontros, para assim poder, mesmo partindo de si, escapar dos perigos de uma redação vaidosa.

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro

galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos. (“Tecendo a manhã” - João Cabral de Melo Neto)

O trecho do poema de João Cabral de Melo Neto foi um dos meus roubos. O fiz quando já tinha perdido o pudor dos pequenos furtos, feitos na cumplicidade dos exercícios de anarquia. A princípio, quase que imobilizada pelo pudor acadêmico, me obrigava a leitura minuciosa e integral das infinitas obras disponíveis, as quais me prometiam as citações cerimoniosas, como me pareciam exigir as circunstâncias de um doutoramento. Foi quando meus aliados, mais habituados às pequenas transgressões, me ensinaram a ler por saltos e escrever por assaltos. Por fim, diferenciando a escrita-reativa, que remixa o que rouba de vários, do plágio que reproduz o um⁶, o exercício da pesquisa-escrita-criação se liberta do esforço de um gênio autoral, experimentando o processo de uma montagem, como no cinema, ou da bricolagem das artes plásticas, porque nunca escrevemos sozinhos. Tática indispensável para seguir com mais liberdade e potência o rastro das infinitas pistas e referências bibliográficas encontradas na atividade de pesquisar. Pesquisar é criar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, K.F. e ROCHA, M.L. Práticas Universitárias e a Formação Sócio-política. In.: **Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política**, nº3/4, 1997, pp.87-102.

BARROS, M.E.B de, *et. al.* Verbos do apoio institucional em pesquisa: transversalizar, transdisciplinarizar e fortalecer redes de trabalho-vida na saúde. In.: **Práticas de apoio e a Integralidade no SUS: por uma estratégia de rede multicêntrica de pesquisa**. PINHEIRO *et. al.* (orgs.). Rio de Janeiro: CEPESC/ABRASCO, 2014.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN.: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.

6 Filme curta metragem com Cristiane Costa e Leonardo Villa Forte. Abril de 2015. <https://www.youtube.com/watch?v=ULpGxzI6InU>. Acessado em setembro de 2015.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1987.

BLANCHOT, M. **O Livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CEZAR, J.M. **O que se passa nos processos formativos? O labor de um êthos na formação de si**. 2013. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Vitória, 2013.

COSTA, L. B da. **Estratégias Biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

_____; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DOMÈNEC, M.; TIRADO, F.; GOMES, L. A dobra: Psicologia e Subjetivação. In.: **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. SILVA, T. T. da (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERRAZ, M.C.F. Memória, tempo, virtualidade. In.: **Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2010. pp. 65-84.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico: as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. Mesa redonda em maio de 1978. In.: _____. **Ditos e escritos IV. Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. A escrita de si. In: _____. (Org.). **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (b). pp. 144-161.

_____. O cuidado com a verdade. In: _____. (Org.). **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (b). pp. 240-251.

_____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRANCO, L. **Pensando a escrita no trabalho de pesquisa: por uma política da narrativa**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia. 112 f. Niterói, 2013.

FUGANTI, L. Biopolítica e produção de saúde: um outro humanismo? In.: **Interface: comunicação, saúde, educação**. V.13, supl.I, p.667-679. 2009. pp. 667-679.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed.34, 2006.

GALLO, S. O problema e a experiência do pensamento: implicações para o ensino da filosofia. In.: Siomara Borba; Walter Kohan (org.) **Filosofia, Aprendizagem, Experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, v.1, pp. 115-130

GUATTARI, F. O capitalismo mundial integrado e a revolução molecular. In.: **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LAROSSA, J. Experiência e Alteridade em Educação. In.: **Revista Reflexão e Ação**, v.19, nº2, p.04-27, jul-dez. Santa Cruz do Sul, 2011.

LOURAU, R. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

Ó, J.R. do. Foucault e o problema da escrita: uma introdução. In.: **Foucault, Deleuze e Educação**. Claretto, S.M e Ferrar, A. (orgs.). Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

PASSOS, E. ; BARROS, R. Clínica, política e as modulações do capitalismo. In.: **Revista Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 159-171, jan./jun. 2004.

MATURANA, H. Ontologia do conversar. In: MATURANA, H. (Org.). **Da biologia à psicologia**. Santiago do Chile: Editorial Universitária, 4ª edição, 2006, p.84-95.

_____; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

RODRIGUES, H.B.C. e SOUZA, V.L.B. A Análise Institucional e a Profissionalização do Psicólogo. In.: KAMKHAGI, V.R.; SAION, O. (orgs). **Análise Institucional no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

SALES, M. **Caosmofagia: a arte dos encontros**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

SOUZA, S. J. Memória coletiva e tempos de vida: sobre a intenção política da escrita da história em Walter Benjamin e Maurice Halbwachs. In.: **Mnemosine**, vol.10, nº2, p. 179-194. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia Social e Institucional UERJ, 2014.

TEIXEIRA, R. **Redes**. Texto sem ano definido, acessado em agosto de 2015. <http://xa.yimg.com/kq/groups/16769174/1243428618/name/redes+-PNH+Ricardo+Teixeira.doc>.

Como citar

DAROS, Raphaella Fagundes. **Escrever como quem coleciona cacos: uma aposta metodológica.** Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição especial Design.com, V. 11 N. 1, julho 2018. pp. 53-73. Disponível em: [<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>]



A Revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.